

Apresentação

Fabiana Bruno
Pós-doutora em Antropologia e Pesquisadora do La'grima (Unicamp)
fabybruno@uol.com.br

Mariana da Costa A. Petroni
Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
mpetroni@unilab.edu.br

A antropóloga britânica Marilyn Strathern escreveu que “se no final do século XX uma pessoa buscasse propor um método de investigação por meio do qual se apreendesse acerca da complexidade da vida social, talvez desejasse inventar algo parecido com a prática etnográfica da antropologia” (2014: 345). Tempos depois, e já no século XXI, esta reflexão sobre o método permanece desafiante ao fazer antropológico. A experimentação e o desejo de invenção com as chamadas distintas “grafias” (Ingold 2011) têm sido o cerne das questões teórico-metodológicas propositivas no âmbito das pesquisas e discussões realizadas no LA'GRIMA (Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem), vinculado ao Departamento de Antropologia-IFCH da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Desde sua criação em 2016, as premissas do LA'GRIMA estiveram ancoradas na experimentação com a observação, descrição e narrativas não apenas do ponto de vista da oralidade e da escrita, mas na aceitação da provocação de Ingold quando afirmou “o que caminhar, tecer, observar, cantar, contar uma história, desenhar e escrever tem em comum? A resposta é que procedem ao longo de linhas de um tipo ou de outro” (Ingold 2007: 188). Aceitar o desafio de deslocar-se dos pontos para as linhas e da supremacia da escrita para a grafia (antropografia, na formulação de Ingold) está na gênese mesma do LA'GRIMA. Inúmeros debates, desde então, nasceram no âmbito deste laboratório, coordenado e motivado pelos estímulos intelectuais da antropóloga Profa. Dra. Suely Kofes.

E muitas destas discussões foram ganhando, ao longo dos últimos anos repercussões, desdobramentos e adesão de outros pesquisadores e laboratórios de pesquisa do Brasil e de países do Mercosul.

A publicação deste Dossiê *Etnografia e o desafio da Grafia* é parte relevante destas reflexões e registra alguns dos desdobramentos e compartilhamentos de questões entre pesquisadores do Brasil e de outros países da América Latina. Os artigos que integram a presente edição advêm, em sua maioria, da comunicação de trabalhos apresentados por ocasião do Grupo de Trabalho 22 da Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada em dezembro de 2017, e procuram discutir a validade de distintas grafias tensionando e ampliando a complexidade do fazer antropológico. O termo e a noção de grafias encontram-se implicados direta e indiretamente em diferentes experimentações partilhadas nos artigos deste Dossiê, uma vez que investigar o próprio estatuto das grafias é premissa dos objetivos.

Se as grafias – a palavra vem do grego *gráphein* – podem ser designadas mais diretamente às formas de inscrição como o desenho, a escrita ou ainda a outras maneiras de “grafar”, por exemplo, com a luz (fotografia), por outro lado não podem ser consideradas meros registros de escrita ou imagem que compõem o fazer antropológico.

A experimentação com as grafias recusa a escolha entre escrita e imagem; entre registro, expressão e inscrição no fazer antropológico. É a própria antropologia e suas teorias etnográficas que são afetadas. Pois, alargar as possibilidades de grafia afetam, tensionam e complexificam os modos de observar, descrever, narrar e, portanto, resguardam dimensões de conhecimento em antropologia. Ingold reconhece, por exemplo, no desenho uma “grafia” capaz de estabelecer uma conexão entre observação e descrição – normalmente desconectadas em um trabalho de campo. Para o autor, o desenho pode ser encarado como um modo de pensar e conhecer, atrelado ao próprio fazer, dado que, em sua concepção, o desenho (assim como a dança e a música) não retém o tempo, mas flui em sua execução (Ingold 2013: 126-129).

Fotografias, filmes e outras imagens técnicas são também modos de olhar, pensar e conhecer. A imagem é “pensante” (Samain 2012) e não simples registro. É um questionamento ou uma interrogação (Didi-Huberman 2011), que combina processos e aportes variados em sua produção e institui uma reflexão sobre um lugar de conhecimento por imagem (Didi-Huberman, 2012).

Temos nesse Dossiê dois artigos que problematizam a grafia. O artigo “As grafias – traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos – como perturbação no conhecimento antropológico”, de Suely Kofes, autora e também organizadora deste Dossiê, oferece

uma contribuição fundamental para a compreensão do leitor sobre o território teórico fundamental que compõe o tema desta publicação. Trata-se daquilo – como bem referenciado pela autora – que diz “do deslocamento da ênfase posta na relação entre antropologia e escrita para a de antropologia e suas grafias”.

Por sua vez, Aina Azevedo, autora convidada para este Dossiê, contribui para ampliar o diálogo teórico sobre uma “antropologia gráfica” com Tim Ingold e com as grafias propostas por Suely Kofes. O artigo “De uma trajetória desenhada às experimentações etnográficas” apresenta reflexões em torno de experimentações etnográficas com o desenho e outras grafias.

As contribuições dos demais artigos do Dossiê enriquecem o consolidado de reflexões desenvolvidas no laboratório e revelam experimentos distintos e variados que assinalam conceitualmente valores de experimentação e experiência com as grafias, bem como sobre o estatuto da prática da observação e da descrição. Ana Carolina de Campos Almeida apresenta experimentos com a descrição de “linhas”, “marcas” e “desenhos” de rendas de bilros em “A vida das rendas de bilros em Ilha Grande, Piauí”. Rodrigo Iamarino Caravita, por sua vez, propõe, “Em busca de uma visão, em busca de uma grafia”, um experimento de grafia e descrição em torno da experiência de participar de diversos rituais e cerimônias xamânicas, nos quais não se é permitido fotografar ou anotar a experiência durante o acontecimento.

As descrições com a grafia da escrita e o tema dos “efeitos textuais” em torno das práticas de biólogos para licenciamento ambiental, entre a prática científica e a burocrática, estão no centro do artigo “Escalas e comparações: sobre efeitos textuais de procedimentos de taxônomos”, de Ana Cecília Oliveira Campos. O lugar da palavra, como aquilo que faz e desfaz relações, em torno do movimento indígena e as biografias da liderança de uma aldeia no litoral paulista se apresenta com a discussão de Amanda Cristina Danaga em “Sujeitos, narrativas e grafias: reflexões sobre etnobiografia e liderança”. Carolina Perini de Almeida e Cíntia Engel trazem, em “Fazendo corpos e parentes: como grafar cotidianos?”, uma abordagem sensível acerca da experimentação com a escrita estar presente na construção de “textos-tentativas” sobre os diversos tempos e o cotidiano da feitura de parentesco em aldeias Terena e das reorganizações familiares para o cuidado da demência em Brasília.

Por fim, Alexânder Nakaóka Elias apresenta em “Glossário verbo-visual e suas múltiplas grafias” um experimento etnográfico de um glossário constituído a partir de fotografias, escrita e desenhos. O pesquisador propõe refletir acerca das múltiplas grafias e seu potencial em compor um modo de conhecimento antropológico com base na comunidade budista no Brasil Honmon Butsuryu-shu (HBS). Desta maneira, o Dossiê

procura adensar experimentações na direção do amplo campo que abriga fotografias, vídeos, desenhos, metáforas, gestos, cadernos de campo/diários, performances, conceitos, objetos e músicas, e inscreve indagações e construções em pesquisa antropológica para uma reflexão sobre suas imbricações e em quais dimensões constituem-se caminhos metodológicos ao ponto de se alterarem, revelarem e/ou tensionarem, num movimento que constitui tanto uma ética quanto uma estética do fazer antropológico. A pluralidade de perguntas e a revelação e partilha de experimentos são o espírito que anima e instiga este trabalho.

Referências

- DIDI-HUBERMAN, Georges. 2011. *Écorces*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. 2012. "Quando as imagens tocam o real". *Pós: Belo Horizonte (Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG)*, 2(4): 204 - 219.
- INGOLD, Tim. 2007. *Lines: a brief history*. Londres: Routledge.
- _____. 2011. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. New York: Routledge.
- _____. 2013 *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Londres/Nova York: Routledge,
- SAMAIN, Etienne. 2012. "As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo". *Visualidades*, 10(1): 151-164. Disponível em: www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089
- STRATHERN, Marilyn. 2014. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.